

FESTA DE SURDO DÁ O QUE FALAR¹

Uma das questões propostas neste trabalho seria a reflexão de alguns aspectos importantes da sociabilidade de pessoas surdas no meio urbano, a mudança de comportamento que este grupo vem apresentando desde a última década do século XX, como também a percepção que a sociedade vem construindo sobre estas mudanças comportamentais deste grupo, ora de legitimação através do estímulo de práticas inclusivas, ora de discriminação enquanto mantêm fechadas as portas da acessibilidade cultural aos integrantes deste grupo que faz parte das minorias sociais.

Assim, o objetivo principal deste artigo é descrever algumas características da sociabilidade do grupo de surdos, cujo elemento estruturador é a própria identidade de deficiente auditivo e sua opção de lazer através da realização de festas na ASJP-PB. Trata-se de um capítulo etnográfico, uma vez que busca descrever e analisar a dinâmica dessas festas e sua importância na convivência deste grupo de surdos. Procuramos também descrever nossa experiência em campo, sobretudo enfatizando o nosso aprendizado com a Língua Brasileira de Sinais, que nos possibilitou conhecer mais a fundo os códigos de interação e comunicação da pessoa surda.

Por sociabilidade, enquanto conceito sócio-antropológico, vale mais uma vez reforçar a partir da definição empregada por Simmel (2006), como sendo um impulso afetivo das vontades individuais em estabelecer vínculos duradouros que mantêm as formas de reciprocidade e convívio inter-relacional entre o indivíduo e o grupo.

Primeiro Contato com a Língua de Sinais

É importante destacar que toda inserção de campo é extremamente delicada, pois passa pelas interfaces de aceitação e de adequação do pesquisador em relação ao grupo em que se pretende realizar a pesquisa. Neste tipo de grupo, em particular, por se tratar de pessoas surdas, além dos desafios geracionais, dos fatores de identificação - pessoa surda e não surda, reportamos também a especificidade do idioma (LIBRAS), que não é muito divulgado no país, concomitantemente associado à escassez de bons profissionais, principalmente aqueles credenciados e habilitados pelo MEC para ensinar a Língua dos Sinais.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB. Elizângela Ferreira da Silva – UFPB. Palavras-chave: Surdez – Sociabilidade – Associação.

Deste modo, não foi tarefa muito fácil encontrar uma professora que atendesse aos requisitos exigidos para construção de um conhecimento adequado da Língua dos Sinais, ou seja, com formação superior Letras/Libras, habilitada pelo MEC para o ensino de Libras e prioritariamente surda.

Na cidade de João Pessoa-PB existem oficialmente dois lugares para se aprender LIBRAS: a primeira opção é a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD). No entanto, possui uma grande demanda de pessoas à procura das aulas de LIBRAS e um número restrito de vagas, pois, como havíamos comentado no capítulo anterior, se trata de uma instituição governamental que presta auxílio gratuito, exclusivamente, à comunidade portadora de deficiências da cidade. Possuindo apenas um setor de atendimento a deficientes auditivos, a FUNAD prioriza o ensino de LIBRAS as pessoas surdas. No caso de não serem preenchidas todas as vagas, pessoas não surdas podem tentar se matricular no curso de LIBRAS.

Assim, pessoas não surdas que desejam aprender LIBRAS na FUNAD são submetidas a uma seleção para formação de uma turma extra, na qual são beneficiados primeiramente os parentes dos surdos que já recebem atendimento na Instituição, no intuito de promover e facilitar a convivência familiar destes usuários e, por fim, se sobrar vagas, abre-se vagas aos interessados que não possuem vínculo familiar com pessoas surdas.

O segundo lugar para aprendizagem da Língua de Sinais é o Centro de Aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (CALIBRAS). Trata-se de uma pequena escola particular, aberta por uma funcionária da FUNAD, destinada ao ensino de LIBRAS a pessoas que não conseguiram inserção no curso oferecido pela FUNAD e demais interessados em aprender LIBRAS.

A taxa de inscrição para ingressar no curso do CALIBRAS custa R\$ 45,00 e a mensalidade custa o valor de R\$ 50,00. O curso para iniciantes na Língua de Sinais tem duração de 120 horas e ocorre no período de um ano, sendo realizados com aulas presenciais todos os sábados com duração de 3 horas sob a condução de uma professora surda e oralizada.

A frequência, a participação ativa nas aulas e o desempenho na execução das atividades propostas na dinâmica da sala são pré-requisitos fundamentais para permanência e aprovação do aluno no curso, o desenvolvimento de cada aluno é acompanhado de forma minuciosa pela professora que intervém constantemente sobre o desempenho da turma, a certificação do aluno só é concretizada após a análise destes

fatores, outro fator importante a acrescentar sobre o curso é que seu currículo atende às exigências do MEC.

Conforme pesquisa realizada entre os intérpretes disponíveis na cidade, o custo financeiro para se utilizar dos serviços deste profissional varia de R\$ 50,00 a R\$ 200,00 por hora. Assim, a contratação deste profissional por pessoas surdas só ocorre em momentos de extrema importância como uma consulta médica, por exemplo.

Desta maneira, pode-se analisar que aprender LIBRAS não é uma tarefa muito acessível por vários fatores, desde a demanda de profissionais qualificados ao custo financeiro elevado do investimento. Sem falar do próprio ato de aprendizagem que entrelaça um processo de mente e corpo tão coeso que desfaz a proposta desta dicotomia e transforma-a num processo completamente integrado.

Ao passo que a Língua de Sinais diverge totalmente dos processos morfossintáticos da Língua Portuguesa, ainda que a mensagem que se queira transmitir possa ser a mesma, a transmissão dos códigos se dá por uma lógica totalmente diferente. A princípio, é uma língua que se caracteriza, para nós ouvintes, aparentemente dentro de outra língua, pois seus códigos de transmissão comunicacional exigem uma forte expressão simbólica de gestos miméticos extremamente delicados, no qual toda ação corpórea se torna fundamental no ato de comunicação.

Assim, na perspectiva de aprender e dominar os códigos da Língua de Sinais percebemos um caminho muito diferente do qual estamos acostumados enquanto ouvintes. E parafraseando o título do livro de Ruth Cardoso (CARDOSO 1986), nos sentimos vivenciando uma verdadeira “Aventura Antropológica”, pois a todos os momentos estávamos refletindo sobre nossa pesquisa e as dificuldades encontradas neste percurso.

Desse modo, como não “encaixávamos” nas exigências do processo seletivo da FUNAD, para o ingresso no curso de LIBRAS, procuramos as aulas particulares no Centro de Aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (CALIBRAS), oferecido pela professora SPI.

Demorou pouco para percebermos algumas de nossas limitações para o aprendizado deste novo idioma, chegamos a questionar nossas habilidades em longo prazo de comunicabilidade e interação com o grupo de surdos da Associação de Surdos de João Pessoa-PB (ASJP-PB), haja vista que a linguagem é um fator de identificação que permite uma interação e práticas de sociabilidade para os surdos.

As aulas ocorriam uma vez por semana, aos sábados, com duração de duas horas com um grupo de onze alunos, com recortes etários diferentes e motivados a estudar LIBRAS por motivos mais variados ainda, como ascensão profissional, simpatia pelo idioma, comunicação com colegas de trabalho, pesquisa, entre outros.

A professora SPI, mesmo sendo surda, é oralizada e fala perfeitamente o português. Isto se deve pela mínima existência de resíduo auditivo que pode ser ampliado pelo uso do aparelho auditivo, permitindo a pessoa surda aprender a falar com mais exatidão. Outras duas alunas da sala também eram surdas e falavam o português fluentemente.

Através da convivência com a professora e os demais alunos da turma é que as dificuldades de assimilação do idioma, por nós apresentadas, foram sendo superadas de modo gradativo. Devemos acrescentar que a comunicação entre a professora e os alunos iniciantes em LIBRAS se dava por meio da leitura labial que ela fazia dos alunos não surdos.

À medida que perguntávamos oralmente, ainda sem o domínio de LIBRAS, a professora realizava intercorrências e nos ensinava como fazer aqueles questionamentos através dos sinais. O fato da professora ser oralizada também ajudava muito, principalmente para nós ouvintes, pois promovia um diálogo entre ambas às partes.

No decorrer das aulas pudemos perceber que a professora acionava o sentido da audição (através do uso de aparelho auditivo) à medida que achava interessante. Em outros momentos de atividades ou intervalos, quando a turma estava dispersa e tentando se comunicar entre si, a professora simplesmente desligava o aparelho para, propositalmente, não escutar, pois na medida em que íamos aprofundando na língua de sinais as interferências da fala deveriam ser mínimas. Nos momentos que não estávamos estudando ou praticando a língua de sinais a professora se comunicava em português.

Outra situação interessante é que as duas alunas surdas oralizados se negavam a falar, utilizando apenas a língua de sinais. Ao indagar sobre esta atitude, a resposta era sempre a mesma: que não eram obrigadas a utilizar os mecanismos de comunicação dos não surdos, uma vez que já possuíam sua forma de comunicação. Então que as demais (pessoas não surdas) “que se adequassem a sua realidade”, ou seja, se “comuniquem apenas com as mãos”.

A Língua dos Sinais e o Signo de Batismo

Antes de aprofundarmos nossa observação sobre a festa de surdo, necessitamos de um breve comentário para expressar o primeiro contato com a Língua dos Sinais e a interação com pessoas surdas.

Chegamos à primeira aula de LIBRAS às 10h00 da manhã de sábado do dia 30 de Abril de 2011. Esperamos a professora até as 10h10, que chegou atrasada alegando excesso de atividades domésticas. Neste momento postulávamos com certa desconfiança: “esta aula deve ser chata... A professora ainda chegou atrasada e toda atrapalhada”...

Mas aos poucos o ritmo dos "conteúdos" foi avançando e a Língua de Sinais foi sendo apresentada e simultaneamente com ela as dúvidas e as indagações que se passavam na nossa cabeça sobre a real capacidade de dominar aquela Língua.

Demo-nos conta de que o registro escrito da aula era impossível. Os sinais se aprendem e se memorizam na ação de praticá-los. Cremos que cabe aqui a explicação trazida por Merleau-Ponty (1999, p.244) a respeito dos percalços da aprendizagem de uma língua, quando este afirma que toda linguagem se ensina por si mesma e introduz seu sentido no espírito do ouvinte por secretar ela mesma sua significação.

A Língua de Sinais é uma composição harmônica e engendradora de muita memória, uso do corpo, conotação enorme de movimentos, expressão facial, pois completam a ação e dinamismo miméticos – aspectos menos intensos ao nosso jeito habitual de comunicação – a ação verbal.

Por diversas vezes sentimos nosso corpo travado, as articulações estavam engessadas e a nossa completa inexpressão facial compunha o conjunto do desempenho desastroso naquela primeira aula. Naquele momento faltava em nós o que disse Merleau - Ponty (1999, p. 253):

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo "coisas". Assim "compreendido", o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retomo, ele se expõe no próprio gesto - [...] tal como meus olhares e meus movimentos a encontram no mundo.

Após a primeira aula, todos os alunos teriam que se apresentar aos demais da turma utilizando a Linguagem de Sinais e passar pelo olhar avaliativo da professora sobre a égide do que se aprendeu até aquele momento, porque conforme palavras da

professora: “a Língua de Sinais só se aprende praticando”, assim cada aluno diria seu nome, seu signo e seu interesse em aprender LIBRAS.

Ao proceder nossa apresentação, relatamos que não tínhamos um signo. O restante da turma já possuía signo por ter algum contato com pessoas surdas fora do ambiente do CALIBRAS. Neste momento obtivemos a explicação de que o signo é uma espécie de batismo, que só pode ser denominado pelos surdos para designar o outro - este outro não surdo.

É atribuído após uma espécie de análise das características físicas e psicológicas da pessoa, algo marcante da personalidade ou do corpo, este signo pode ser um símbolo caricaturado da pessoa, um elemento de admiração ou até mesmo a reafirmação de um estigma.

Não ficamos muito à vontade com essa explicação. Somos ótimas para essas designações [pensamos] um baú de estereótipos... Perguntamos se poderia trocar o signo caso não agradasse, disseram-nos que não. O signo é igual ao nome de batismo, nascença, que os pais dão e, gostando ou não, vai ter que viver com ele!

Enfrentando o desafio, nos apresentamos utilizando o Código dos Sinais e na hora do signo o consenso dos surdos da aula e da professora: a configuração de mãos das letras E e L no desenho do nosso sorriso de uma covinha a outra do rosto.

Respiramos aliviada... “gostamos do nosso sorriso, gostamos do sinal, gostamos do signo”, pensamos. Fomos aceitas naquele grupo, fomos percebidas entre eles, acolhidas pelo grupo. Não somos apenas Elizângela, somos E # L do sorriso das covinhas marcadas na bochecha. Fomos batizadas!

No decorrer da aula a professora sinalizou que a dificuldade em aprender os sinais e formular as frases estava no fato de pensar de acordo com a Gramática da Língua Portuguesa e para aprender LIBRAS é preciso esquecer a lógica da Gramática, pois o Código dos Sinais é outro idioma. Indicou ainda que começasse a raciocinar como uma pessoa Surda. Desse modo iria ficar muito melhor e a aprendizagem seria mais fluida. Conforme discorre o pensamento de Merleau-Ponty (1999, p.253):

O gesto linguístico, como todos os outros, desenha ele mesmo o seu sentido. Primeiramente essa ideia surpreende, mas somos obrigados a chegar a ela se queremos compreender a origem da linguagem, problema sempre urgente [...].

Realmente, aprender LIBRAS é entrar em outro universo - o da pessoa surda. É começar a ver e a se expressar de modo particular, não convencional ao nosso modo

(verbal) de expressar e ver o mundo. Neste momento sentimos com os pés em dois mundos, no limiar de duas realidades: ouvinte e não-ouvinte.

Decidimos continuar este percurso e se deixar levar neste novo modo de ver, perceber e entender o mundo. Desejamos continuar, desejamos formar uma espécie de pseudo-identidade de pessoa surda dentro de nós. Este sentimento poético que nos envolveu foi uma tentativa de exprimir a intenção de entrega do pesquisador em situação de campo. Mas compreendemos que esta pseudo-identidade aqui citada em nada tem relação com o fato de querer ser uma nativa no sentido literal da palavra.

Afinal, não nos tornamos surdos por estudar um grupo de surdos. Mas nos referenciamos a possibilidade de tentar pensar ou se colocar no lugar do outro.

Não que seja uma falsa identidade por assim não pertencer a este grupo, mas conceder a oportunidade de, naquele momento, não privar nossos sentidos desta nova vivência. Mesmo com todas as implicações que isto acarreta, inclusive a dificuldade de guardar na memória todas as palavras, as configurações gestuais do corpo nesta nova forma de linguagem. Compreendemos que nosso corpo também é responsável por nossas memórias. Afinal o corpo fala e como fala! Assim como reitera Merleau-Ponty (1999, p. 252):

Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. Da mesma maneira, não compreendo os gestos do outro por um ato de interpretação intelectual, a comunicação entre as consciências não está fundada no sentido comum de suas experiências, mesmo porque ela o funda: é preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido.

Partindo desta primeira experiência, que descrevemos com a Linguagem dos Sinais e com a pessoa Surda, percebemos como a Língua de Sinais está imbricada com a identidade da pessoa surda. Uma linguagem aparentemente silenciosa, mas cheia de ruídos e em consonância com seu corpo, marca indelével de identificação e identidade que permite o reconhecimento e define a pessoa Surda a partir dos seus códigos simbólicos de interações grupais. Disso também resulta um olhar sobre aquilo que Turner (1974) define a partir da concepção de *communítas*, uma vez que permite a observação dialética sobre as estruturas simbólicas que definem graus de identificação seletiva dos sujeitos envolvidos sobre laços, afinidades e correlações mútuas.

Prenúncio da Festa de Surdo

Durante as aulas de LIBRAS surgiu o convite por parte da professora para participar das festas da Associação de Surdos de João Pessoa. Ficamos inseguras, pois só havia dois meses que estudávamos o idioma.

Mesmo assim fomos até a ASJP-PB para ver como nos sairia nas habilidades de comunicação em LIBRAS com pessoas surdas. Ao passo que efetuaria nossa primeira incursão no campo de pesquisa sentindo o ambiente e procurando nos entrosar com os integrantes da Associação.

Antes de nos apresentar como pesquisadoras, contudo, foi necessária uma aula intensiva de orientações de comportamentos adequados e falas permitidas num primeiro contato com os surdos da ASJP-PB. Além das recomendações, a turma era assistida pela professora como um tipo de tutora neste primeiro encontro que tivemos com os Surdos. Ahamos muito estranha a preocupação da professora em manter a distância segura entre os alunos do CALIBRAS e os surdos da Associação. Afinal, este deveria ser um momento de aprendizagem, entrosamento entre os grupos e descontração, principalmente por se tratar de uma festa.

Estranhamento maior nos causou quando as falas e intervenções da professora se referiam aos sinais corretos e as roupas mais adequadas para usar durante a festa, nada de decotes ou transparências, além da observação de ficar por perto dela para evitar situações desagradáveis como paqueras mais capciosas ou tentativas furtivas de beijos e abraços por parte dos surdos da associação, principalmente às alunas da sala que eram casadas, noivas ou possuíam namorado.

Essas informações estimularam nos alunos a curiosidade sobre tantas regras e a iniciativa de postularem diversas hipóteses que levaram ao conhecimento da professora. Sobre esta vigilância é coerente afirmar segundo Simmel (1973), que o controle corporativo e formal só é possível de ser efetivado ao passo que ocorre de modo instintivo e espontâneo, como nesta situação.

A ASJP-PB é ponto de encontro e de convivência entre os surdos interessados em diversão. Diversão de todo tipo que se possa imaginar numa festa. Ingestão de bebidas alcoólicas, prática de tabagismo, danças, paqueras e se der sorte sair acompanhado para uma relação mais íntima, que não passava necessariamente por um “namoro”, mas por um “ficar”, por exemplo.

“*Ficar*” neste contexto bastante utilizado pelos surdos da Associação, refere-se apenas a um “*namoro*” sem passar necessariamente pelo compromisso afetivo de

fidelidade ou convivência cotidiana com o outro. Restringe-se apenas a uma noite de “*intimidades*” com a pessoa que pode ou não envolver contato sexual por ocasião daquela festa.

Vale ressaltar que existem dois gestos linguísticos, na língua de sinais, para diferenciar homoafetivos masculinos e femininos e que, segundo os surdos, representa a expressão gay (homem) e lésbica (mulher).

E quem não estivesse interessado nestas possíveis propostas tinha que aprender a deixar bem claro a opinião de não estar disponível. Porque surdo, conforme a professora SPI dizia:

É uma pessoa insistente demais! Você tem que deixar bem claro para eles que não quer algo mais sério, principalmente se você for comprometida com alguém, pois eles não medem barreiras para se aproximar e querer algo a mais do que uma amizade. Você sabe... O que eles querem mesmo é sexo. Principalmente os homens, estes é que dão em cima mesmo. Aconselho a vocês que quando forem pra festa usem roupas mais comportadas, sem muito decote, porque se não os surdos vão passar a mão mesmo e levem seus companheiros. Até mesmo os meninos que tem namorada, pois os gays dão muito em cima dos homens. Isso é uma coisa séria (risos).

A preocupação da professora passava também pela diversidade de faixa etária da turma, pois a maior parte era composta de solteiras e segundo ela: bonitas. Isso ia causar muita paquera e assédio por parte dos surdos na ASJP-PB. Sem falar na outra parte da turma, composta por senhoras casadas que poderiam desaprovar o ambiente.

Em relação aos homens da turma, a preocupação era bem menor, apenas com o horário. Entretanto, havia um receio por parte da professora a respeito dos surdos gays¹⁹, uma vez que estes assediavam intensamente o público masculino, sem se preocupar se fossem comprometidos ou heterossexuais. O mais importante era que todos soubessem das possíveis situações inconvenientes que vivenciariam na festa devido à diversidade do público. E que estes inoportunos não gerassem agressões físicas ou verbais, como já havia ocorrido anteriormente por falta destas instruções.

Geralmente, os surdos da associação possuíam conhecimento de que os alunos da professora de libras frequentavam a associação com o objetivo de aprimorar os seus conhecimentos sobre a língua de sinais, portanto, é um público mais sério e com objetivos acadêmicos.

Desta forma, essas situações demonstra como o comportamento dos surdos vem mudando consideravelmente. Eles estão abandonando uma postura resignada da deficiência e estão lutando por conquistar novos espaços sociais, inclusive o de serem “vistos” pela cidade e na cidade, como atores sociais que também compõem e interferem na paisagem social e local, como procuraremos descrever no próximo capítulo deste trabalho.

Estes surdos, assim como os demais não surdos, são considerados agentes culturais ativos diretamente envolvidos neste processo de mudança, assim como lembra Almeida e Tracy (2003), que propõe reflexões sobre a abordagem da subjetividade contemporânea em um contexto de alterações em seus regimes de significado e funcionamento.

Enfim, seguimos as normas elencadas pela professora e tentamos ser o mais discreta possível, bem porque nosso objetivo além de aprimorar o domínio do idioma, era observar o campo de pesquisa e as mudanças de comportamento dos surdos nos momentos de lazer e sociabilidade pela cidade de João Pessoa- PB, a partir dos contatos formados por eles na ASJP-PB.

Sobre este processo de pesquisa desejamos acrescentar que esse deslocamento leva o pesquisador a repensar o modo como às identidades coletivas e individuais são negociadas, tanto no que diz respeito ao observador, quanto ao observado (ALMEIDA; TRACY, 2003).

Cabe comentar que o elemento gênero também parece engendrar formas de comportamento um tanto que conflituosas entre os associados, pois aparentemente existem preconceitos quanto a opção ou orientação sexual de alguns frequentadores mais assíduos da ASJP-PB, principalmente nas festividades. Desse modo, pequenos grupos se formam no ambiente da ASJP-PB subdivididos por orientação sexual, ou seja, mesmo que aparentemente exista uma interação harmônica entre seus frequentadores, os surdos gays e os heterossexuais buscam delimitar seus espaços de interação através de uma disputa de autoafirmação de suas orientações sexuais.

Festas de surdo - A Primeira Impressão Não é a que Fica

Ao chegarmos à ASJP-PB a primeira coisa que nos chamou a atenção foi o volume alto da música que o DJ tocava na festa. Como também a organização do ambiente que remetia a temática de festa havaiana, assim os membros da associação estavam trajando roupas a caráter da temática. As mulheres com colares florais e arranjos de flores nos cabelos, biquínis e saias de palha ou de tecido estampados com

temas da natureza. Os homens seguiam a mesma proposta com roupas coloridas e que remetessem ao tema. Em seguida, outro fator que nos chamou a atenção foi a aglomeração de pessoas que chegava a ocupar a rua, devido o grande número de pessoas reunidas.

Tentamos nos aproximar de algumas pessoas surdas e desenvolver uma conversa, porém como a nossa fluência no idioma ainda não estava profunda, fazíamos os movimentos gestuais de modo mais lento e numa dessas tentativas de diálogo recebemos uma contra resposta de uma pessoa surda na ASJP-PB.

Que enquanto não dominássemos totalmente o idioma de LIBRAS não tentasse conversar com ele, porque era muito tedioso ter que esperar nossa gesticulação lenta, o melhor era que fosse à FUNAD aprender LIBRAS e só então voltasse lá. (T. 25 anos. Membro da ASJP-PB).

Eram pessoas de diferentes idades, desde adolescentes a idosos que, aparentemente, se reuniam sem apresentar nenhum problema de convivência, à primeira vista. Mas ao decorrer das próximas incursões em campo, pudemos observar nitidamente a separação em grupos de cada corte geracional e a discriminação promovida entre seus membros por questões de gênero ou “excessos de comportamento”. Criando-se visivelmente a condição de os de dentro e os de fora da festa. Como limiar entre o permitido e o não permitido em cada ocasião. Essa situação, como nos informa Victor Turner (TURNER 1974), pode ser vista a partir dos fenômenos *liminares* que torna o universo da relação grupal entre posições e oposições de sentidos múltiplos, assim como também estabelecem fronteiras que visivelmente demarcam a situação do sujeito sobre uma ordem hierárquica e ambígua no grupo.

Como já havíamos descrito antes, ASJP-PB conta com aproximadamente 241 pessoas associadas, que periodicamente se reúnem para realização das festas temáticas que ocorrem mensalmente e são idealizadas e organizadas por seus diretores. Porém o espaço da ASJP-PB é utilizado por seus membros de modo particular em outros eventos organizados pelos próprios associados para comemorar: aniversários, confraternizações, competições esportivas, reuniões, ensaios de coreografias de grupos de teatro e de hip hop da ASJP-PB, que geralmente se apresentam nas igrejas evangélicas das quais alguns fazem parte, entre outros eventos de maior ou menor alcance dos membros associados que não pagam nada a mais por fazer uso dessa maneira da associação.

A alegria e a dança sempre estão presentes na maioria das festas, principalmente quando existe um número maior de jovens. Geralmente os adultos permanecem sentados em grupos dialogando em LIBRAS uns com os outros, só abrem algumas exceções para falar oralmente quando alunos do CALIBRAS estão nas festas querendo se enturmar e aprender mais LIBRAS. Porém, de modo geral, são bastante receptivos. Ensinam sinais novos e tem bastante paciência com os não-surdos identificados como alunos do CALIBRAS e assessorados pela presença da professora.

Como em toda festa há convites para dançar ou beber alguma coisa e papear muito. Sempre treinando a Língua de Sinais, de preferência sem falar oralmente e simultaneamente aos gestos, para que realmente possa comungar da identidade de pessoa surda e compartilhar do mesmo código de comunicação, ou seja, os gestos corpóreos.

É importante respeitar o espaço dos surdos naquele local, porque é na Associação que não precisam se preocupar com aceitação de não-surdos através da comunicação oralizada. Neste espaço os surdos podem se comunicar livremente, distante dos olhares vigilantes e contenciosos de outras pessoas não surdas. Como é enfatizado por L, de 29 anos, solteira:

Aqui na Associação eu me sinto mais a vontade pra poder falar. A gente não tem vergonha não. Porque todos aqui falam LIBRAS. Eu sei que muita gente tem preconceito com nós, mas aqui todo mundo se entende. A gente fica mais tranquilo e pode se comunicar livremente. Aqui todo mundo é igual, mesmo o que não são surdos... Através da fala da entrevistada podemos perceber a importância da associação como espaço de convivência e reconhecimento. É a lógica do pedaço, do espaço comum. O pedaço dos surdos. Neste local específico de lazer e entretenimento era possível também observar a distinção entre os que faziam parte ou não, de modo mais assíduo, deste pedaço. A divisão das pessoas não passava exclusivamente pelo domínio de LIBRAS, ser surdo ou não surdo, mas pela perspectiva de convivência e pertença aquele local e as suas atividades.

Havia pessoas não surdas e surdas, mais próximas e chegadas. Geralmente os que sempre apareciam para se divertir nas festas, já haviam construído redes de amizades e interesses em comum. E até conseguir tornar-se mais “chegado” e comungar de outro tipo de sociabilidade como nos menciona Magnani (em entrevista concedida à revista eletrônica *Divulgación y Cultura Científica Iberoamericana*²⁰) seria necessário

mais entrosamento, domínio do idioma de LIBRAS e participação dos mesmos interesses de lazer e diversão do grupo de surdos pela cidade.

As visitas é que precisavam se adequar ao ambiente e os códigos para serem aceitas. Esta inversão de posição social e de domínio de territorialidade é muito interessante, pois nos estimula a observar melhor e procurar as combinações e estratégias utilizadas pelo grupo para se relacionar entre si e com as visitas de pessoas não-surdas. Às vezes o estranhamento e a tensão no ambiente eram mais nítidos, associados a alguns olhares de soslaio. Mas com o tempo a incorporação de códigos e padrões de comportamento comuns ao grupo faria essa indiferença ser amenizada ou superada.

Nas primeiras visitas a ASJP-PB ficou bastante visível que os surdos mais jovens geralmente são os que movimentam as festas e articulam os encontros na Associação. Mobilizam outros surdos de cidades circunvizinhas a João Pessoa-PB, como Sapé, Santa Rita, Bayeux, Cabedelo, etc. que vêm em ônibus fretados ou lotações de micro ônibus para passar a noite nas festas e romper o dia até o almoço, feijoadas e muito pagode como diversão, sempre com som muito alto.

Todas as festas seguem uma rotina semelhante, pois a maior parte dos surdos da ASJP-PB trabalham durante a semana e só se encontram nos finais de semana para se socializar de acordo com os equipamentos de lazer que a cidade dispõe.

Existem outros pontos de lazer e de convivência na cidade que os surdos frequentam além da ASJP-PB. Entre estes, o terminal rodoviário é um local frequentado, rotineiramente, por adolescentes surdos que vem dos colégios próximos ao centro da cidade. Alguns deles já conheciam e ou já frequentaram a ASJP-PB. Muitos não eram tão assíduos devido às taxas cobradas para participação nas festas e, como eram adolescentes, em sua maioria, dependiam da mesada dos pais e não podiam arcar com as despesas periodicamente.

Este grupo de jovens surdos também se reunia nos shoppings da cidade, principalmente nos dias de promoção do cinema onde é cobrada a meia-entrada. Deste modo, se alternavam, conforme o valor da mesada e o interesse pelos filmes nos três principais shoppings da cidade de segunda a quarta-feira, nos itinerários do shopping Tambiá, shopping Manaíra e Mag shopping.

Destes, o preferido era o shopping Tambiá, pois era próximo de suas residências e também porque alguns não precisavam pagar condução para chegar até o local e se divertir com seus pares. Nos momentos em que todos do grupo tinham um dinheiro

extra, provenientes de mesadas oferecidas por seus pais, outros shoppings eram frequentados, contudo também seguiam os dias da semana reservados a promoção de meia-entrada nos cinemas.

Algumas vezes este grupo também se reunia na calçada da orla marítima de Tambaú e Manaíra, trazendo consigo pipoca, refrigerantes ou bebidas alcoólicas para compartilharem na praia, sendo que nem todos possuíam maior idade para ingestão legal de álcool. Era o que eles denominavam de: “farofada no calçadão”. Era o tipo de passeio que consideravam “legal”, pois não precisavam gastar muito para se divertir.

A postura destes jovens surdos, nestes locais, geralmente era percebida por outros frequentadores, uma vez que os mesmos faziam questão de serem notados através do barulho, do jeito ousado, das roupas chamativas e também pela utilização frequente da Língua de Sinais. Era uma atitude que acreditavam poder intimidar os não-surdos, pois riam, caçoavam dos demais transeuntes, faziam mímicas das pessoas em público. Vale ressaltar que a Língua de Sinais, nesta ocasião, parece corroborar uma forte expressão de diferenciação, distinção e afirmação destes surdos.

Já em algumas festividades da ASJP-PB, dois destes jovens que observamos apareceram na associação e logo procuraram entrosar-se com os demais. Entretanto, estes frequentavam mais as imediações do terminal rodoviário da cidade, logo após as atividades do colégio e depois da saída do cinema.

Percebemos que a maior parte dos associados são homens, mas também há um número significativo de mulheres. As mulheres da ASJP-PB geralmente demonstram participação ativa na comunidade, organizando e participando de concursos de dança e coreografia nas festas.

Realizam desfiles e concursos de beleza, sempre caracterizadas para a ocasião. As que mais participam destas atividades são as solteiras e mais jovens. As que já possuem algum compromisso afetivo (casamento/ namoro/ noivado) se abstêm destas atividades, mas frequentam as festas acompanhadas de seus respectivos companheiros.

Era interessante observar o comportamento dos homens não surdos presentes nas festas da ASJP-PB, pois estes pareciam observar as mulheres surdas procurando encontrar nelas valores estéticos e de adequação as normas sociais de beleza dos não surdos. Deste modo, as consideravam “bonitas, desinibidas e bem arrumadas”, entretanto, quando procuravam dançar com elas percebiam que as mesmas perdiam o ritmo da dança e da coreografia em relação à música. Ou estavam adiantadas ou atrasadas em relação ao contexto musical ou a letra da canção. Às vezes faziam gestos

rápidos enquanto que a música era lenta e vice-versa; tentavam acompanhar a vibração da música. Como não havia um intervalo entre uma música e outra, as mulheres surdas dançavam ininterruptamente o mesmo ritmo, só mudando de ritmo e de coreografia quando eram avisadas por outros colegas.

Esta falta de harmonia entre a dança e a música parecia não causar nenhum tipo de constrangimento ou desequilíbrio emocional nos membros surdos durante os eventos. E as mulheres se divertiam do mesmo jeito e com a mesma descontração, sem se importarem com que estivessem achando delas.

Todavia, para os não surdos presentes na festa, certo sentimento de decepção e de frustração, aparentemente, se estampava nos seus rostos ao ver os surdos fora do ritmo ou tendo que ser avisados quando a dança mudava a cada intervalo. Era uma situação, para nós ouvintes, um pouco angustiante. Afinal, era surpreendente, em meio aquele barulho, saber que o silêncio proveniente da falta de audição estava presente para outras pessoas naquele momento, principalmente nas ocasiões das danças e das coreografias.

O comportamento despojado dos surdos jovens e sua entusiasta alegria parecia não incomodar os mais velhos da ASJP-PB. Contudo, nas demais incursões realizadas com a turma do CALIBRAS na associação, percebemos que existia uma separação, como comentamos no início deste tópico, entre grupo de surdos mais jovens, gays e os mais velhos. O que levou, em alguns momentos, a diminuição considerável de frequentadores a cada festa.

Havia ali uma separação muito clara de idade, gênero e orientação sexual. Pois os surdos que pretendiam se relacionar com pessoas do mesmo sexo eram indiretamente convidados a ficar do lado de fora da festa. Uma vez que os olhares de soslaio e a reprovação expressa nos semblantes dos demais associados eram bastante visíveis. Desta forma, os surdos que queriam se divertir na festa de outra maneira acabavam saindo, pouco a pouco, para o lado de fora da associação. E mesmo sem pronunciar “juízos de valor” entre si – os integrantes surdos da ASJP-PB, formavam-se grupos distintos nas festas entre os de *dentro* e os de *fora*.

Quanto aos mais jovens, mesmo sendo heterossexuais, eram considerados pelos demais surdos da ASJP-PB, em alguns momentos, baderneiros e desrespeitosos com os mais velhos e com os gays. Haja vista que circulavam entre os ambientes de dentro e de fora da festa, brincando e chamando a atenção de todos para si, com piadas e comportamento ousado, sempre carregando consigo bebidas alcoólicas e praticando

gestualidades atrevidas. Já os surdos gays não foram expulsos do pavilhão interno da associação, mas se sentiam melhor longe dos olhares punitivos ou vigilantes dos demais membros da festa. Assim, podiam paquerar e conhecer novas pessoas longe das vistas dos outros associados que estavam na festa.

Em relação aos associados que estavam dentro do salão da ASJP-PB, estes pareciam assumir uma postura bem confortável diante desta separação. Ao questionar as pessoas sobre aquela situação, sempre apareciam respostas evasivas. E não atribuíam qualquer importância ao fato, declarando que era coisa de jovem.

Esses comentários e essa postura mantinha uma zona de conforto para ambas as partes. Apesar da associação aparentemente ser um lugar de acolhimento e de lazer entre as pessoas surdas, o modelo ideal se afastava um pouco do modelo real de sociabilidade entre os pares do grupo. As festas também ocorrem fora da associação, sobretudo nas calçadas, o que incomoda muito os moradores locais.

Saindo um pouco desta sociabilidade da ASJP-PB, desejamos relatar um fato que nos ajudou a repensar melhor sobre esta separação consensual dos surdos neste espaço de lazer. Estávamos em um supermercado da cidade e ouvimos alguns ranços de voz e logo percebemos a presença de uma surda no lugar. Esta surda era funcionária do estabelecimento comercial (Hipermercado). Apresentamo-nos em LIBRAS e puxamos conversa com ela. Neste primeiro contato, perguntamos coisas relacionadas a estudo, trabalho, bairros que morava etc. A reciprocidade foi a mesma e logo estávamos conversando fluentemente.

Ela aproveitou para nos ensinar sinais novos e corrigir alguns gestos linguísticos. Quando perguntamos se ela conhecia ou já tinha ido a ASJP-PB, em algum momento para se divertir, percebemos que sua fisionomia logo mudou. Ela estranhou que fôssemos nas festas da ASJP-PB e perguntamos o motivo de tal estranhamento.

A mesma nos disse que lá (na associação) havia todo tipo de gente e muita mistura. “Bagunça”. Não era ambiente para família e logo estranhou que fôssemos naquele local. Principalmente, nosso caso, sendo casada e com filha pequena. Acharmos estranha tanta aversão por parte dela. Logo os ânimos da conversa acabaram. Despedimo-nos e as outras vezes que a avistamos no supermercado notamos que ela nem queria mais nos cumprimentar direito, e sempre alegando que estava ocupada no serviço.

Não tentamos mais aproximação com esta mulher, pois de alguma forma poderia atrapalhar seu trabalho e a realização de suas tarefas. Ao encontrar casualmente outras

funcionárias também surdas da FUNAD, as convidamos para irem conosco nas festas da ASJP-PB e a recusa foi imediata. Como num coro ensaiado responderam: “ali não é lugar de gente direita”. Comentaram que até: “já foram lá, mas que atualmente sendo casadas e noivas... Não se sentiam bem naquele ambiente”.

A imagem da associação era relacionada a um lugar de “muita mistura”, de “gente de todo tipo”. E quando perguntávamos de que tipo de gente vocês estão falando? Elas repetiam impacientes por nossa insistência: “de todo tipo! É claro que você entende”. Ou simplesmente davam respostas sem consistência.

O fato é que para certas respostas não há necessidades de muitos comentários. E ficou evidente que ASJP-PB estava associada à imagem de permissividade e de encontros furtivos praticados por algumas pessoas surdas. Então muitos surdos deixavam de frequentar a ASJP-PB e não davam explicações da desistência ou do afastamento aos demais surdos. Isto justifica a rotatividade dos associados e uma oscilação no número de pessoas que participavam das festas, fossem elas surdas ou não. Diante dessas circunstâncias, podemos compreender como se configura códigos de diferenciação e estranhamento entre os grupos observados, mesmo que nos apresente, sobre um primeiro olhar, harmoniosamente em suas práticas de sociabilidade cotidiana.

A discriminação pejorativa por parte de alguns surdos em relação à opção ou comportamento sexual de outros surdos, bem como os assédios sexuais indesejáveis que algumas mulheres relatavam no interior da festa ou até mesmo comportamentos ditos promíscuos entre pessoas heterossexuais, coloca em evidência os conflitos inerentes à reprodução social de uma sociedade mais ampla, seus preconceitos e valores.

Trata-se, neste sentido, de compreender os diferentes papéis sociais assumidos pelos atores imersos em um grupo ou um espaço social específico, que leva a relativização de valores implícitos ou explícitos conforme a posição que o outro ocupa ou desempenha dentro de uma ordem social legítima e estabelecida consensualmente. Isto também reflete a importância do espaço, neste caso da ASJP-B, que permite a construção de redes afetivas, no qual a sociabilidade se torna possível, conformando um ambiente de pertencimento e reconhecimento simultâneo da pessoa surda na cidade de João Pessoa-PB.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALBRES, Neiva de Aquino. **A educação de alunos surdos no Brasil no final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dissertação de Mestrado em Educação, 2005.
- _____. “História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grade – MS”. Petrópolis-RJ: In, **Revista Arara Azul**, p.01-11 (s/d). Acesso por www.editora-arara-azul.com.br. 16/05/2012.
- ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a juventude. **Comunicações do ISER: ano 21, Edição Especial: Juventude, Cultura e Cidadania**, 2002.
- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. – tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BORDA, Orlando Fals. “Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular”. In, **Brandão** (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense. 1981.
- BOURDIEU, Pierre. et. Al. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicos**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org.) – Bourdieu, Coleção **Grandes Cientistas Sociais**. Nº 39. Ática, São Paulo, 1983.
- BRASIL. MEC. Plano decenal de educação para todos. Nº 59. Brasília, 1993.
- _____. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, MEC, 2008.
- CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DURHAM, Eunice. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas. In, Cardoso, Ruth. (org.) **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ECKERT, Cornelia e Rocha, Ana Luiza C. da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Porto Alegre – RS: Texto inédito. s/d.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FALCÃO, Luiz Albérico Barbosa. **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. Recife: Ed. do autor. 2011.

_____ **Da Formação à prática docente da educação física com surdos: crenças, reflexões, saberes e emoções em LIBRAS**. Recife: Ed. Do Autor, 2007.

GERALDI, João Wanderley. In: XAVIER, Carlos Antonio e CORTEZ, Suzana (orgs.) **Conversas com lingüístas: virtudes e controvérsias da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2003.

GESUELE, Zilda Maria. (2006). “Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão”. In, **Educação e Sociedade**. Campinas: vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GONÇALVES, Antonio Giovane Boaes. “O corpo na vitrine”. In, **Política & Trabalho: revista de ciências sociais**. João Pessoa, UFPB, PPGS, n°21, 2004, p.105-119.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GODOY, Andréia. **Cartilha da inclusão dos direitos das pessoas com deficiência**. Belo Horizonte: Pontifca Universidade Católica de Minas Gerais, 2001.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, Surdez e Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza

KLEIN, Madalena. LUNARDI, Márcia Lise. **Surdez, território de fronteira**. Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, 2006. p.14-23.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “**As fronteiras da pertença. Um estudo sobre Medos e Sociabilidade entre um grupo de jovens no urbano brasileiro contemporâneo**”. RBSE, Vol. 3, n° 7, João Pessoa, GREM, abril, 2004.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1998.

- _____. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.
- LE BRETON, David. **Do silêncio**. Lisboa, Instituto Piaget, 1997.
- _____. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.
- LÉVI-STRAUSS. “A noção de estrutura em etnologia”. In, **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MAFFESOLI, Michael. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J. G. C. e Torre, L. L. (Orgs.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 12 a 53.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor & Souza, Bruna Mantese de (organizadores). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1ª Ed. São Paulo: Editora: Terceiro Nome, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. In: **PontoUrbe**, Ano 1 versão 1.0, 2007. Acesso por <http://www.n-a-u.org/pontourbe01/magnani1-2007.html> em 23/09/2012.
- _____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *RBCS*, v. 17, n° 49, pp.11 a 29, 2002.
- _____. “Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?” In: **Cadernos de Campo. Departamento de Antropologia**, USP, ano 2, N° 2, São Paulo, 1992.
- _____. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil: História e Política Públicas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- MICHELS, Maria Helena. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos a organização escolar. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: V. 33, n, 11, 2006.
- MOURA, Maria Cecília de, LODI, Ana Claudia B. HARRISON, Kathryn M. P. “História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais”. In, LOPES FILHO, Otacílio de C. (org). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997. p. 327-357.
- MOURA, Maria Cecilia de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter-Fapesp, 2000.
- OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.
- _____. A construção sociológica da juventude – alguns atributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165
- PARK, Robert Ezra. “A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In, Velho (Org). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- QUEIROZ, Tereza C. da Nobrega. “Fragmentação urbana e sociabilidade juvenil em João Pessoa: o skate e o hip-hop”. In: **Estudos de Sociologia**, PPGS-UFPE. www.politica hoje.com/sociologia/publicações. 2007.
- RUDIO, Franz Victor. “A Observação”. In, **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
- SAVIANE, Demerval. “O Plano de Desenvolvimento da Educação”. In, **Educação e Sociedade**. Campinas: Vol. 28, nº 100, 2007, p.1231-1255. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy C. **Classe média, cotidiano familiar e representação do espaço habitado**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1993.

- SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru-SP: Edusc, 1999.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- _____. “A metrópole e a vida mental”. In, Velho (Org). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.
- SOARES, M. A. L. **A Educação Do Surdo No Brasil**. Campinas: Autores Associados; Edusf, 1999.
- SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediadora, 1999.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VYGOTSKY, Lev S. **Fundamentos de Defectología**. Madri, Espanha: Visor Dist. S.A. 1997.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1997.
- _____. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- WIDEL, Jonna. As Fases históricas da Cultura Surda – Resumo do livre “*Dansk Dovekultur (A Cultura Surda Dinamarquesa)*” publicado em novembro de 1988 e disponível na Dansk doves Landsfourbund, Bryggervangen, nº 19, 2010. Copenhagen Dinamarca. In: **Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez- GELES**, nº 6 – ano 5. Rio de janeiro: Editora babel, 1992.